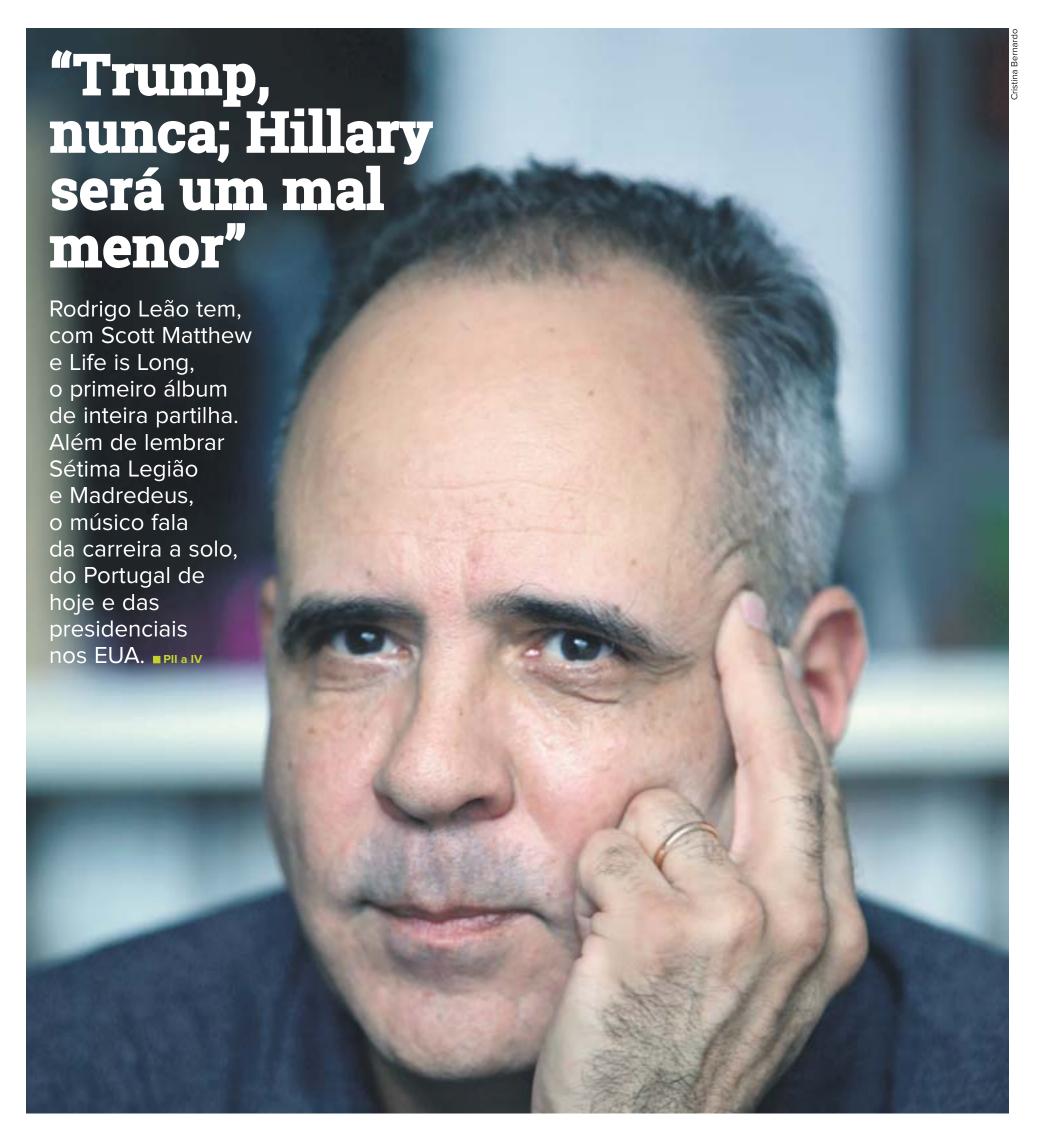
Cinema, teatro, música e muito mais no LEFFEST PVI/VII A trufa que vale mais do que o seu peso em ouro PXIV





ENTREVISTA Rodrigo Leão

Músico

"Sinto necessidade de trabalhar com músicos diferentes"

Com o australiano Scott Matthew e "Life is Long", Rodrigo Leão realizou o primeiro álbum de inteira colaboração. A partir de domingo atuam no país. Músico fala em parcerias e não só.

Paulo Jorge Pereira

O que há de comum entre a música que fez desde o início e o seu trabalho a solo?

O gosto muito grande por instrumentos como o violoncelo ou o acordeão, este último tocado pela Celina da Piedade nos meus projetos durante muitos anos ou o Carlos Tony Gomes que hoje, além de tocar, faz arranjos para orquestras, quartetos de cordas, etc. E aprendi muito nos dois grupos: a compor, a ouvir ideias de outras pessoas, a concretizá--las em salas de ensaio. Ouando decidi abandonar esses projetos dos Sétima Legião e dos Madredeus foi por estar apaixonado pela onda minimalista dos anos 90: Michael Nyman, Philip Glass, Ryuichi Sakamoto. Cada vez gostava mais de compor em casa com a ajuda do computador ou sintetizador onde podia tocar um som de piano, violoncelo, violino, uma flauta.

Havia outras razões de ordem musical para pensar numa carreira a solo?

Sim. Além disso, estava com uma série de músicas que não cabiam nem nos Sétima Legião, nem nos Madredeus. Eram outras ideias a nascer, mais sinfónicas e com multipista do sintetizador. Os meus primeiros trabalhos foram muito instrumentais e cantados em latim: o Ave Mundi Luminar, o Mysterium, o Theatrum. O lado popular que existia nos Madredeus ou o lado mais pop dos Sétima Legião acabaram por estar presentes nos trabalhos iniciais.

O gosto por um lado mais clássico chegou por via da sua mãe?

Sim. E a minha adolescência foi também marcada pelos grandes amigos do bairro das Estacas em meados dos anos 70 com músicas dos Genesis, Pink Floyd, King Crimson. Mas também pela música que os meus pais ouviam, como Astor Piazzolla, Jacques Brel, entre outros. A música clássica nada me dizia, nem aos meus três irmãos, mas a minha mãe chamava-nos para ouvir algumas coisas e ficaram vestígios na memória.

Há uma fronteira entre o trabalho feito até um determinado álbum e depois disso?

É no Alma Mater que estará essa fronteira, onde ainda surgem temas ligados aos anteriores, mas aparecem canções como "A Casa", cantada pela Adriana Calcanhotto ou "Pasión", da Lula Pena, cantado mais tarde pela Celina da Piedade. No Cinema já aparecem temas em inglês e francês, o lado clássico fica um pouco mais para trás e está mais o lado pop, a minha vontade de colaborar com pessoas de diferentes áreas musicais, enquanto os primeiros eram mais fechados. Com o Cinema terei atingido mais público quer em Portugal, quer lá fora.

Que nomes considera mais marcantes nas colaborações que foi tendo?

Todas são importantes, mas há casos de que me recordo com mais pormenor. O Sakamoto, por exemplo, foi extraordinário: fui ter com ele a Nova Iorque para gravar um piano no estúdio do costume e acabámos por passar o dia juntos. Ele compôs ainda um tema sobre as primeiras palavras que o meu filho António disse e não voltámos a encontrar-nos. Com a Beth Gibbons criou-se uma relação muito forte de amizade, colaborando ela no disco e em muitos concertos. Há também o Neil Hannon, que já colaborou connosco e trocamos emails com frequência, mas todas as colaborações são importantes, da Adriana Calcanhotto à

Rosa Passos, passando pela Sónia Tavares, dos The Gift.

Como evoluiu a colaboração de Scott Matthew para a amizade atual?

Surgiu em 2011 quando eu preparava o disco A Montanha Mágica. Pensei que uma das músicas era perfeita para a voz dele, mas nunca sabemos como será a resposta a um email para um manager com uma demo gravada em casa. A resposta foi positiva, ele estava em digressão na Europa, acabou por gravar o tema, "Terrible Dawn", num estúdio em Berlim. Só nos conhecemos seis meses mais tarde. Aí fizemos outro tema para uma compilação e, a partir de então, ficou a vontade de fazer qualquer coisa juntos, sabendo que não havia qualquer stress. O projeto demorou três ou quatro anos. Encontrámos muitas coisas em comum, o Scott sentiu muita facilidade em escrever para as ideias que lhe enviava.

Este disco, Life is Long, representa o quê?

É o primeiro trabalho de parce-

Se calhar era inevitável, ao fim de tantas colaborações, ter uma parceria num disco inteiro como sucede com o Scott em Life is Long

ria num disco inteiro. Se calhar era inevitável, ao fim de tantas colaborações, surgir algo assim. Tenho esta necessidade de fazer algumas mudanças, trabalhar com músicos diferentes. Aqui está a minha faceta mais pop, alternativa, com um quarteto de cordas e um trio de metais. Pensava que teria de falar imenso, mas houve um certo conforto em estarmos longe um do outro e bastaram alguns emails. Demorou um ano e meio, algo que nunca me acontecera em mais de 30 anos de trabalho.

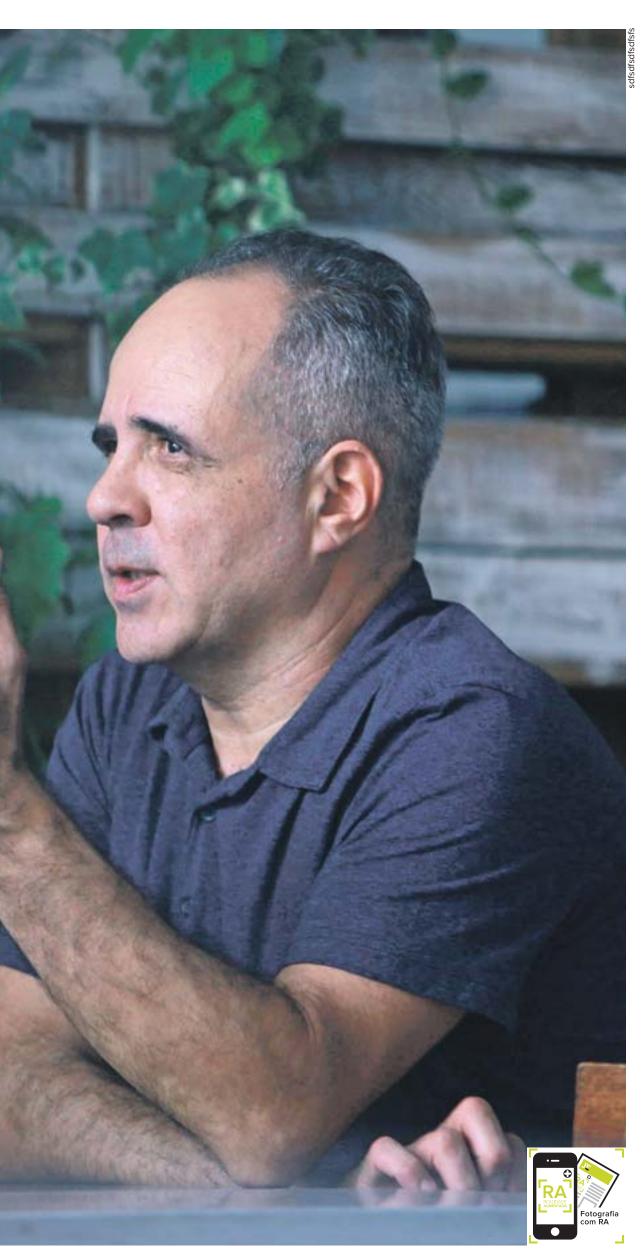
Compor para Hollywood que significado teve?

Compor para cinema foi algo que sempre quis muito e já se notava nos Sétima Legião, além da grande paixão que tínhamos por cinema – íamos para o Quarteto ver sessões da meia-noite às cinco da manhã! E o cinema era uma grande inspiração, acabávamos de ver um filme e íamos para o piano compor...

Tinha prazos muito exigentes?

O trabalho na música para um filme é muito intenso e pode durar quatro ou cinco meses a um ritmo diário. Fiz música para outros filmes, como "A Gaiola Dourada" ou "Frágil som do meu motor", mas, com "The Butler", se no início tinham uma verba relativamente baixa, de repente houve alterações e todas as músicas que estava a fazer iam ser gravadas por uma orquestra extraordinária em Londres. E andava com o João Eleutério de Londres para Nova Iorque num triângulo com o Lee Daniels e o resto da orquestra. Foi uma experiência gratificante. Mais recente é o filme do catalão Marcel Barrena, que se chama "100 Metros", uma co-produção com o Tino Navarro, e estive três meses a trabalhar na música. Não gostaria de fazer só isto, mas preenche-me musicalmente.





"Precisamos de uma sociedade mais equilibrada"

Como olha o Portugal de hoje e as dificuldades em que se vive?

Vivemos uma situação muito complicada em todos os aspetos e isso também se nota na música - os discos vendem menos, há menor capacidade de investimento das editoras, algumas fecham portas. Porém, em alturas de crise as pessoas são mais criativas e revelam mais persistência.

Vai viajando pelo país: identifica níveis de pobreza elevados?

Ainda há muita gente a passar dificuldades de que nem sempre nos apercebemos.

Como analisa o trabalho do Governo atual? O país está melhor? Quero acreditar que o país está melhor e muitas coisas devem melhorar seja qual for o governo, mas este tem tomado certas medidas com as quais estou de acordo. Mas já não é só Portugal – é no mundo inteiro que é difícil perceber para onde caminhamos.

E a União Europeia?

Penso que está muito adulterada e a Europa atravessa grave crise.

A democracia portuguesa está de boa saúde?

Penso que não. A liberdade é essencial, mas a democracia está sempre a mudar e todos precisamos de uma sociedade mais justa e mais equilibrada.

Num olhar para as eleições presidenciais \bar{dos} Estados Unidos, prefere Donald Trump ou Hillary Clinton?

Trump, nunca; Hillary será um mal menor, mas nenhum dos dois me atrai...

Revia-se mais em Bernie Sanders?

Muito mais!

Como se faz um percurso na música sem saber ler pautas?

Nos anos 80 era muito comum pegar numa guitarra e aprender sozinho. Sou muito preguiçoso, podia ter aprendido a tocar um bocadinho melhor, mas gosto muito de procurar ideias e desenvolvê-las. Preciso de ajuda e também já fiz coisas sozinho, só que seria incapaz de fazer arranjos para uma Orquestra Gulbenkian, por exemplo, mas isso não é um problema.

Qual é a influência exercida por Carolina, a sua mulher?

Ela não gosta muito que fale so-

bre ela [risos], mas desconcentro-me com muita facilidade, tenho muitas ideias ao mesmo tempo e pedi-lhe que me ajudasse a concretizar algumas ideias desde o Alma Mater até hoje, inclusive pedindo-lhe para fazer letras, algo que nunca tinha feito. Era a pessoa que estava mais perto de mim e acompanhava as angústias daquele processo todo. Mas muita gente me ajuda, como os músicos ou os produtores Tiago Lopes, Pedro Oliveira, João Eleutério, Paulo Abelho...

E os seus três filhos?

Sobretudo pelo bom ambiente que temos, o jantarmos todos os dias juntos e estarmos meia hora a conversar, vermos filmes de que gostamos uma ou duas vezes por semana. Os três estão a aprender música, tocam muito melhor do que eu [risos], mas não é obrigatório que sigam esse

O que é feito do projeto Os Poe-

É muito especial e ainda hoje eu e o Gabriel [Gomes] lhe dedicamos atenção. Há pouco tempo tocámos em Sabrosa, a terra onde nasceu o Hermínio Monteiro, responsável por nos despertar a atenção para poetas como Mário Cesariny ou Herberto Hélder e que esteve na origem deste projeto.

> [Em Portugal] ainda há muita gente a passar dificuldades e nem sempre nos apercebemos disso



Nos primeiros anos, Rodrigo Leão sentia-se mais à vontade em estúdio, mas, com o aumento do número de concertos, também no palco passou a estar confortável

"Sétima Legião e Madredeus ainda estão muito presentes naquilo que faço"

A paixão pela música foi sempre poderosa e, embora não tivesse a certeza de que poderia viver desse universo, Rodrigo Leão escolheu deixar o Direito para se concentrar nela.

Quando recua no tempo e volta, por momentos, à altura da decisão de se dedicar por inteiro à música, Rodrigo Leão revela uma enorme tranquilidade. E não deixa de assinalar a importância que, mesmo nos dias de hoje, o trabalho desenvolvido em bandas tão influentes como Sétima Legião e Madredeus continua a marcar a sua carreira a solo.

No início, ouvia bandas como Joy Division ou Echo & the Bunnymen – foram influências para optar pela música em vez do Direito?

Foi uma decisão difícil, tinha noção de que fazer o curso era fundamental, depois disso poderia vir qualquer coisa. Foi um período em que estava muito indeciso, embora fosse uma incógnita saber que viria a viver da música, uma paixão muito grande. Fiz o primeiro ano do curso, veio a tropa, voltei para o segundo ano e, a meio, tomei a decisão. Ainda me inscrevi no Instituto das novas profissões, em Relações Públicas e Publicidade, uma coisa para me tentar enganar a mim próprio [risos], mas não deu. Por sorte, tudo começou a correr bem nos Sétima Legião e nos Madredeus e, a partir de uma certa altura, com tantos concertos, já não fazia sentido voltar aos estudos.

Tem noção do peso de ser visto como parte dos Sétima Legião e dos Madredeus, dois dos mais interessantes projetos da música portuguesa?

Ajudei a fazer essas bandas e guardo recordações fantásticas de ambos os projetos, ainda hoje estão muito presentes no que faço e continuamos grandes amigos. São grupos que marcaram uma altura da música em Portugal, mas não me considero um herói por isso.

Foi decisivo na "descoberta" de Teresa Salgueiro no convite que lhe dirigiu com o Gabriel Gomes para os Madredeus: como recorda esse momento?

Já tínhamos experimentado seis ou sete cantoras diferentes, eu e o Pedro Ayres Magalhães, ainda Ajudei a fazer Sétima Legião e Madredeus, continuamos grandes amigos e guardo recordações fantásticas antes de o Gabriel tocar connosco. Tive a sensação de que a Teresa era a voz certa, numa altura em que o Pedro estava no Rio de Janeiro por causa de um filme. A Teresa cantava com um amigo meu do liceu que tinha um projeto. Eu assistira a um ensaio, ele sabia que eu andava à procura de uma voz, pediu que não roubássemos a cantora, mas, passada uma ou duas semanas, foi a própria Teresa, que cantava num bar do Bairro Alto chamado Gingão, quem veio ter comigo e com o Gabriel, mostrando algum interesse em experimentar. Gravámos "A Sombra", um tema do Pedro, ficámos muito impressionados e fui ter com o Pedro ao aeroporto no seu regresso do Brasil e disse-lhe: 'Tens de ouvir esta voz!'

Que influência exerceu Miguel Esteves Cardoso nesses projetos? Sempre foi uma pessoa muito especial a quem já admirávamos antes de o conhecer por aquilo que escrevia, pelo bom gosto, por tudo. Foi importante

não só nos Madredeus, mas

também nos Sétima Legião: neste caso, convenceu-nos a cantar em português, escrevendo o tema "Glória". Esse primeiro tema fez-nos ver que, feito da maneira certa, o português podia encaixar bem naquilo que estávamos a tentar fazer.

Está mais à vontade em estúdio ou no palco?

Nos primeiros anos era em estúdio, mas a partir do Alma Mater, realizando muito mais concertos, passei a sentir-me tão confortável num espaço como no outro.

O que é Avis para si?

É um sítio extraordinário onde me casei com a minha mulher vai fazer 17 anos em maio. Tem pessoas muito simpáticas e sinto-me lá muito tranquilo, longe dos sítios turísticos do Alentejo. Tem a barragem do Maranhão que é fantástica, é um sítio onde se come muito bem e onde temos um espaço no meio de 300 oliveiras, onde estamos com os amigos e componho muitas coisas.



Lendas do Mediterrâneo

8 dias | 7 noites Horizon

Málaga - Porto Torres - Civitavecchia -Livorno - Alicante - Málaga











desde

575€

Maravilhoso Mediterrâneo

8 dias | 7 noites Costa Diadema

Barcelona - Palma de Maiorca - Civitavecchia -La Spezia - Savona - Marselha - Barcelona









469€

Encantos de Europa

10 dias | 9 noites Monarch

Lisboa - Vigo - Cherbourg - Le Havre -Harwich - Ijmuiden - Copenhaga - Rostock



814€

A Terra dos Vikings

8 dias | 7 noites Costa Favolosa

Warnemünde - Copenhaga - Hellesylt e Geiranger - Bergen - Kristiansand - Aarhus -Warnemünde







Preços por pessoa.







lggy Pop e Jim Jarmusch: um é protagonista no documentário do outro e dedicado à banda "The Stooges" com o título "Gimme Danger"

EVENTO

O festival que promove diálogo entre expressões artísticas

Entre hoje e o próximo dia 13, a 10^a edição do Lisbon & Estoril Film Festival vai alimentar palcos e grandes ecrãs com o poder hipnótico das artes e muitos convidados ilustres.

Paulo Jorge Pereira ppereira@jornaleconomico.p

Quando se diz que o Lisbon & Estoril Film Festival (LEFFEST) é à portuguesa, isso não implica uma carga pejorativa ou de índole linguística, porque não se trata de uma questão de dimensão, nem de mera geografia. E, se no cartaz de presenças surgem nomes como Natsuko Inoue, Monica Bellucci, Dominique Gonzalez-Foerster, Piotr Anderszewski, Adonis, Ionathan Rosenbaum, Willem Dafoe, Martha e Stéphanie Argerich, Enrique Vila-Matas, Arto Lindsay, Peter Handke, Itamar Golan ou Jim Jarmusch, entre muitos outros, está bem de ver que a ideia principal situa-se na união e no diálogo entre expressões artísticas.

Por outro lado, trata-se também de uma oportunidade para que o público consiga algo que não existe nos maiores festivais internacionais de cinema: estar mais perto dos protagonistas, dispor da possibilidade de aprender, ver e ouvir, colocando perguntas em sessões especiais criadas para esse efeito.

É, além disso, um lugar de encontros, seja entre grandes amigos (Kusturica e Jim Jarmusch na edição deste ano, por exemplo), entre alguns que pretendem conhecer-se (Don DeLillo e John Coetzee, Laurie Anderson e Jonathan Demme) ou, mesmo, entre aqueles que tenham, no seu percurso, chegado a suscitar mal-entendidos ou desentendimentos. Paulo Branco, diretor do certame, recorda sempre como Francis Ford Coppola esclareceu David Cronenberg acer-

Emir Kusturica, Jim Jarmusch e Monica Bellucci são alguns dos convidados da edição deste ano ca do que se passara quando fora líder do júri em Cannes e "Crash" não vencera a Palma de Ouro.

Ou mesmo de surpresas como sucedeu com a presença de Lou Reed, cujo temperamento difícil ultrapassou fronteiras, mas, em Portugal, mostrou-se durante cinco dias num clima de perfeito convívio e descontração. Isso levaria a que a sua companheira, Laurie Anderson, passasse a dedicar um carinho especial ao Festival português.

Godard em destaque

Há competição pelo prémio final entre películas como "Elle", de Paul Verhoeven, "Dogs", realizado por Bogdan Mirica, "American Honey", de Andrea Arnold, ou "Nocturama", com realização de Bertrand Bonello. E também estreias fora desse âmbito: "O

Herói de Hacksaw Ridge", realizado por Mel Gibson; "O Divã de Estaline", com as presenças de Gérard Depardieu e Fanny Ardant; ou a primeira obra do ator Ewan McGregor no papel de realizador através de "Uma História Americana".

Destague vai merecer também o documentário de Jim Jarmusch, sobre Iggy Pop e o grupo The Stooges, intitulado "Gimme Danger", apresentado no Nimas pelo próprio realizador e por Carter Logan, um dos produtores, no próximo dia 11. Trata-se de um trabalho com apreciação muito positiva da crítica especializada, estreado no passado mês de maio, no último festival de Cannes, que teve já exibições nos Festivais de Cinema de Toronto (em setembro) e Nova Iorque (no mês passado).

E, claro, não faltam homena-



A italiana Monica Bellucci é convidada para uma sessão especial de "Malèna" a que se segue conversa com o público este sábado.

gens sob a forma de apresentação integral de obras: de Jean--Luc Godard a Jerzy Skolimowski (premiado na edição do ano passado e este ano integrante do júri), passando por Teresa Villaverde ou Emir Kusturica.

Um futuro maior

Com apoios na ordem dos 550 mil euros, o espaço para crescimento não está limitado e ambicionam-se maiores atenções do tecido empresarial. À 10ª edição do LEFFEST, Paulo Branco já considerou publicamente que a forma como tem sido organizado deve mudar – não só porque a sua carreira de produtor, com participação em mais de três centenas de filmes, acaba por sofrer interferências face ao tempo que precisa de dedicar ao festival. Em causa também está a ideia de que lhe parece ser temDepois de ser o principal responsável pela organização em 10 edições, Paulo Branco equaciona deixar de exercer esse papel

po de se seguirem outros caminhos.

Por exemplo, os de casos como Cannes, Veneza, San Sebastian, Toronto ou Nova Iorque, todos com estruturas profissionalizadas permanentes que se ocupam de cada pormenor da gestão e organização.

Poesia, teatro, cinema, pintura, música: não vão faltar artes, nos próximos dias, entre diferentes espaços de Lisboa e Cascais. No ano passado, o fecho fez-se com "Cavaleiro de Copas", de Terrence Malick; desta vez a honra é para Tom Ford com "Nocturnal Animals". Branco costuma afirmar que um dos principais trunfos do LEFFEST é o passar da mensagem que acaba por levar mais gente ao certame. E você, já disse a alguém se vale mesmo a pena marcar presença?

HISTORIAL

A estreia



Na edição inaugural, entre 8 e 17 de novembro de 2007, o lote de convidados do festival englobou nomes tão importantes como David Lynch, Pedro Almodóvar, Anton Corbijn, Don DeLillo ou Asia Argento. O melhor filme, distinguido com a Nau de Ouro, foi "Stages", de Mijke de Jong, à frente de "Egg" (Semih Kaplanoglu). Quanto ao prémio da crítica foi atribuído a "Autumn Ball", realizado por Veiko Õunpuu.

Deneuve e Auster

Em 2008, Catherine Deneuve, Paul Auster, J. M. Coetzee, Cristina Iglesias, Julião Sarmento, Siri Hustvedt, Emanuel Ungaro e Pascal Bonitzer foram alguns dos que ajudaram a compor a galeria de notáveis. "Wild Field", de Mikhail Kalatozhisvili, foi galardoado com o prémio principal. Mas desta vez já houve mais distinções, incluindo o prémio do público para "Wigald", de Timon Modershon.

Coppola e Cronenbera



Nomes da música como David Byrne ou Alexandre Desplat marcaram presença em 2009, mas personalidades da Sétima Arte, como Francis Ford Coppola ou David Cronenberg, atraíram mais atencões. Juliette Binoche. Peter Handke, Jacques Audiard ou Dominique de Villepin também estiveram entre convidados. Yorgos Lanthimos, com o filme "Dogtooth", recebeu o galardão máximo, houve prémios especiais do júri para "Eastern Plays" (Kamen Kalev) e "The Girl", de Fredrik Edfeldt. A me-Ihor curta-metragem foi "52 Procent", de Rafal Skalski.

Malkovich e Kiarostami

No ano de 2010, quando Lou Reed causou surpresa em muitos e Laurie Anderson ficou a dedicar um carinho especial ao festival, John Malkovich, Abbas Kiarostami, Elia Suleiman, Joana de Verona, Valeria Golino, Mathieu Amalric, Piotr Anderszewski, Marisa Paredes, Stephen Frears ou Carlos Saboga foram algumas das presenças. Corbijn tornou-se repetente, cabendo a "Tilva Rosh", de Nikola Lezaic, a distinção de melhor filme, acumulada com o Cineuropa. Marc Fitoussi ("Copacabana") ganhou o

galardão do júri e Andrei Stempkovsky ("Reverse Motion") foi o distinguido pelo argumento.

DeLillo e Coetzee

Em 2011, quando Don DeLillo, J. M. Coetzee e Siri Hustvedt ganharam estatuto de repetentes entre os convidados, também participaram Leos Carax, Paul Giamatti, Giedre Dirvanauskaite, Claire Denis, Peter Suschitzky, Christopher Doyle ou Matthew Barney. Angelina Nikonova. com "Twilight Portrait", recebeu o galardão mais relevante e duas curtas-metragens partilharam o estatuto de melhores: "Here I Am", de Bálint Szimler, e "Aman (Safe and Sound)", realizado por Ali Jaberansari. Cédric Kahn, com a obra "Une Vie Meilleure", acumulou os prémios do júri e Cineuropa.

Ferrara e Ardant

Leonardo di Constanzo, com "L'Intervallo", recebeu o prémio para o melhor filme no ano em que Xavier Dolan foi a melhor interpretação pelo seu papel em "Laurence Anyways", película de que também foi realizador. Abel Ferrara, Willem Dafoe, Fanny Ardant, Bertrand Bonello, Hanif Kureishi, Adolpho Arrietta, Lucrecia Martel, Giada Colagrande, Brandon Cronenberg, Bruno Wollheim, Laura Bailey, Luca Guadagnino e Pascal Bonitzer estiveram entre os convidados

Sokurov e Grav

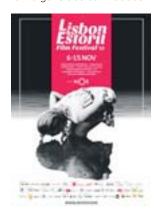
Numa edição com convidados como Aleksandr Sokurov, Abdellatif Kechiche, James Gray, Arto Lindsay, Arnaud Desplechin, Gianfranco Rosi ou Franco Nero, houve repetentes como Don DeLillo, J. M. Coetzee, Juliette Binoche, Siri Hustvedt, Paul Auster ou Piotr Anderszewski. Ganhou "Fish & Cat", de Shahram Mokri, cabendo o prémio especial do júri a duas obras: "Harmony Lessons", de Emir Baigazin, e "La Última Película" (Raya Martin e Mark Peranson).

Zulawski e Garzón

"Amour Fou", de Jessica Hausner, foi o melhor filme. Dulce Maria Cardoso, Andrzej Zulawski ou Baltasar Garzón estiveram nos convidados

Demme e Schroeder

No ano passado, o principal distinguido foi Jerzy Skolimoski com o filme "11 Minutes". Nanni Moretti, Barbet Schroeder, Wim Wenders, Jonathan Demme, David Gordon Green, Luís Miguel Cintra, Bruno Ganz, Andrzej Zulawski, John Berger, Louis Garrel ou Amos Gitai foram alguns dos convidados.





CINEMA

O documentário que ganhou a dimensão de um olhar para a família

À partida, "A Toca do Lobo" servia para a tese de doutoramento de Catarina Mourão na Universidade de Edimburgo. Porém, como Tomaz de Figueiredo era avô materno da realizadora, tudo se tornou diferente.

Paulo Jorge Pereira

"A Toca do Lobo" esteve em exibição no Indie Lisboa do ano passado e chega às salas de cinema. É o documentário em que a realizadora Catarina Mourão conta a história do escritor Tomaz de Figueiredo, tendo sido este o trabalho que lhe serviu como tese de doutoramento na Universidade de Edimburgo. Pormenor importante: Catarina

é, pelo lado materno, neta do autor. Sobre ele escreveu David Mourão Ferreira no Dicionário da Literatura: "Prodigioso evocador do passado, em verso e prosa, grande poeta da memória, Tomaz de Figueiredo consegue aliar a muitos rasgos temperamentais de raiz romântica uma disciplina clássica (...). Integra-se numa tradição tipicamente portuguesa da qual terá sido Camilo, antes dele, o mais alto expoente."

A obra, que passou a fazer ainda mais sentido para a reali-

zadora a partir do momento em que descobriu, nos arquivos da RTP, um programa sobre o avô, conforme confessou ao diário "Público", transforma-se em retalhos da vida de uma família. Deixa de estar em causa apenas o percurso literário do escritor e cruzam-se fios do tempo numa meada de histórias.

Nascido em Braga, a 6 de julho de 1902, Tomaz Xavier de Azevedo Cardoso de Figueiredo seguiu a família na mudança para Arcos de Valdevez. Estudante no Colégio galego dos Jesuítas

em La Guardia, aqui escreveu os primeiros sonetos. Chegaria a Coimbra, ao curso de Ciências Jurídicas, no começo dos anos 20, terminando os estudos superiores em Lisboa. Mais tarde iria casar-se e, na década de 30, rumou a Tarouca, exercendo a profissão de notário. Pelo caminho desenvolveu obra literária que lhe iria garantir, com uma história de regresso aos primeiros anos da vida, "A Toca do Lobo", o Prémio Eça de Queiroz.

Nazaré, Ponte da Barca e Estarreja foram as passagens até

aos anos 50, altura em que lhe foi diagnosticada doença de foro psiquiátrico, teve de ser internado e sujeito a tratamentos. Voltou ao notariado, mas pediu a reforma, passando a viver na capital onde se tornou presença assídua em tertúlias do Chiado como no café A Brasileira, no Aviz (Porto) ou na livraria Bertrand. Morreria a 29 de abril de 1970.

Género: Documentário; **Realizadora:** Catarina Mourão; **País:** Portugal; **Duração:** 102m.



ESTREIAS

Sete Minutos depois da Meia-noite



O que fazer, aos 13 anos, quando se está rodeado por problemas como a mãe com cancro em estado terminal; o pai demasiado distante; a avó com um temperamento impossível e colegas de escola que só servem para ser protagonistas de abusos e maus tratos? Conor refugia-se num mundo de fantasia em que sonha todos os dias ter conversas com uma árvore gigante de quem ouve histórias e a quem conta os seus dramas pessoais. O filme tem por base uma novela de Patrick Ness, autor do argumento, que aproveitou personagens e outros elementos da escritora anglo--irlandesa Siobhán Dowd, vítima de cancro da mama em 2007. Género: Drama/Fantasia; Realizador: J. A. Bayona; Elenco:

Sigourney Weaver, Lewis

MacDougal, Felicity Jones, Liam

Neeson (voz), Toby Kebbell; **País:** Espanha/EUA; **Duração:** 108 m.

Pedido de Amizade

Um filme de terror com o Facebook no centro das atenções, tendo por base uma história de amigas e desencontros de opinião até que um suicídio vai precipitar uma sucessão de episódios estranhos



Género: Terror; **Realizador:** Simon Verhoeven; **Elenco:** Alycia Debnam-Carey, William Moseley, Connor Paol; **País:** Alemanha; **Duração:** 92m.

Taklub

Histórias cruzadas em Tacloban por entre a passagem do tufão Haiyan, num cenário de desolação e morte. Bebeth, Larry e Erwin procuram sobreviver às tragédias pessoais enquanto não deixam de enfrentar sucessivos desafios. O filme inspira-se na dor e destruição que o referido tufão deixou ao assolar as Filipinas há cerca de três anos. Já premiado como melhor realizador no festival de Cannes, em 2009, Brillante Ma Mendoza trabalha o argumento de Honeylyn Joy Alipio.

Género: Drama; **Realizador:** Brillante Ma Mendoza; **Elenco:** Nora Aunor, Julio Diaz, Aaron Rivera; **País:** Filipinas; **Duração:** 97m.

Palmeiras na Neve

A viagem de três espanhóis até à Guiné Equatorial e um amor proibido nos anos 50 são recuperados, através da descoberta de uma carta, meio século mais tarde. É o momento em que Clarence, sobrinha de Kilian, que viajara com o pai e o irmão tantos anos antes e se apaixonara por uma descendente de escravos, decide partir à



procura do conhecimento sobre os episódios vividos pelos familiares.

Género: Drama; Realizador: Fernando González Molina; Elenco: Mario Casas, Adriana Ugarte, Macarena García; País: Espanha; Duração: 163m.

Acerto de Contas



Ben Affleck como protagonista no papel de Christian Wolff, alguém que, tendo recebido diagnóstico de autismo enquanto criança, se desenvolveu até à idade adulta com especial perícia no campo da matemática. Brilhante no capítulo da contabilidade, não só desempenha funções num emprego considerado normal como tira partido das suas especiais aptidões para colaborar com entidades do submundo. Até à altura em que um investigador do Departamento do Tesouro entra em ação e Wolff, detetando uma fraude volumosa de milhões,

revelada pela camarada de trabalho Dana Cummings, se vê envolvido numa perigosa aventura de vida ou morte.

Género: Thriller/Ação; Realizador: Gavin O'Connor; Elenco: Ben Affleck, Anna Kendrick, J.K. Simmons, John Lithgow, Jon Bernthal; País: EUA; Duração:

Agnus Dei

Tendo por base uma situação que aconteceu em 1945, após a II Guerra Mundial, o filme conta a história de Mathilde, médica a trabalhar para a Cruz Vermelha junto dos sobreviventes dos campos de concentração. Um dia recebe um pedido de ajuda que vai colocá-la perante uma surpresa.



Género: Drama; **Realizador:** Anne Fontaine; **Elenco:** Lou de Laâge, Agata Buzek, Agata Kulesza; **País:** França/Polónia; **Duração:** 115m. **LIVROS**

Ernst Jünger: um espírito infinitamente curioso

A sugestão de leitura desta semana da livraria Palavra de Viajante.



PALAVRA DE VIAJANTE

Escritor e ensaísta, militarista convicto durante a maior parte da sua longa vida e autêntico lobo solitário, Ernst Jünger (1895-1998) foi uma das figuras mais contraditórias e complexas do século XX, na Alemanha.

"Há escritores com uma obra tão reverberante que cega. Há existências tão intensas e complexas que o princípio chave para as entender só pode ser o da contradição que as informa", escreveu João Barrento sobre Jünger.

Em 1913 alistou-se na Legião Estrangeira e em 1914 ingressava nas fileiras do exército alemão na Frente Ocidental, tendo sido ferido pelo menos sete vezes durante a guerra de 1914-18. Foi condecorado pela sua bravura e valor e, após sair do exército, voltou aos estudos, primeiro em Leipzig e, depois, em Nápoles.

A sua paixão era a observação da natureza e, em particular, a entomologia. Nas suas inúmeras viagens por África, Médio Oriente e Ásia foi colecionando insetos, até atingir o impressionante número de 40 mil exemplares.

Apesar de acreditar no ideal do homem novo e de achar que a democracia era um sistema político incapaz de manter a ordem, recusou o convite para aderir ao partido nazi e a oferta de amizade de Hitler, que, para ele, personificava a barbárie.

Com o posto de capitão, Jünger passou a maior parte da Segunda Guerra Mundial na Paris ocupada, tendo ficado amigo de Jean Cocteau, Sacha Guitry, Céline, Picasso e Georges Braque.

Em 1950 impôs-se uma espécie de exílio, continuando a escrever por mais uns anos. Os seus livros foram elogiados por Heinrich Böll, Prémio Nobel da Literatura em 1972 e conhecido pelo seu pacifismo.

Nos anos 1980, a cidade de Frankfurt entregou-lhe o Prémio

Goethe – não sem alguma polémica – e, em 1984, esteve com o Chanceler Helmut Kohl e o Presidente François Mitterrand na cerimónia de reconciliação que teve lugar em Verdun, palco da mais longa e sangrenta batalha da Primeira Guerra Mundial. Nessa ocasião. Jünger considerou que a ideologia bélica que se viveu na Alemanha antes e depois do conflito fora um "erro calamitoso".

Quando morreu, em 1998, em Wilflingen, no sudoeste da Alemanha, onde vivera nas cinco últimas décadas, contava com uns extraordinários 102. Dois anos antes, o Chanceler Kohl e o Presidente alemão dispuseram-se a enfrentar uma tempestade de neve e ventos glaciais para se lhe juntarem no seu 100º aniversário.

Como afirmou o escritor e poeta francês Henri Thomas, este é o livro que representa de forma mais completa e surpreendente a obra de Jünger que, com o seu espírito infinitamente curioso, procede aqui a uma recolha de preciosos achados. Com paciência de entomologista, mas também com

a capacidade de se deixar maravilhar própria de um artista, Ernst Jünger cruza os caminhos do espírito e do coração, e produz textos breves mas plenos de significado.

"O Coração Aventuroso", publicado em Portugal pela Cotovia, reúne um conjunto de textos, incluindo reflexões, análises científicas, sonhos e viagens, que o autor considerava serem "pequenos modelos de outra forma de ver as coisas". O último texto, intitulado "O Vendedor de Peixe", é precisamente uma belíssima evocação de Ponta Delgada, escrita na prosa poética que o caracterizava e que herdou da literatura francesa.

> Jünger foi uma das figuras mais contraditórias e complexas do século XX, na Alemanha



EM FOCO

"Os Números da Desigualdade em Portugal",

de Eugénio Rosa (Lua de Papel)

Uma análise desassombrada a um fenómeno que atravessa gerações e não deixa de perturbar, de forma decisiva, a evolução da sociedade em Portugal. Por entre a frieza dos números, o autor aproveita para fazer uma avaliação através de reflexões de economistas como Joseph Stiglitz. Thomas Piketty, Carlos Farinha ou Mark Blyth. Leia a obra e entenda melhor que razões profundas ensombram o crescimento económico em Portugal.



"A Última Cruzada do Papa", de Peter Eisner (Gradiva)



O autor tem experiência jornalística como editor no diário "Washington Post", mas também no "Newsday" e na "Associated Press". Neste livro, a história gira em torno do papa Pio XI, das críticas que dirigiu a Hitler no final dos anos 30 e da sua encíclica que traduzia condenações contra o III Reich, as perseguições dirigidas aos judeus e Benito Mussolini. O "convidado" a redigir o documento foi John Lafarge e o livro explica como tudo se passou.

"Estado de Crise", de Zygmunt Bauman e Carlo Bordoni (Relógio d'Água)

Um olhar para o passado ajuda sempre a compreender melhor as situações do presente. Os autores analisam a crise do mundo globalizado, distinguindo-a da que comecou nos Estados Unidos em 1929 e se disseminou pelo mundo. A parceria entre um filósofo polaco que aos 90 anos é um dos grandes pensadores do mundo moderno – e um sociólogo italiano resulta na obra que explica fundamentos da crise



"Crepúsculo em Itália", de D.H. Lawrence (Tinta da China)



Explica Jan Morris no prefácio que se trata de "um livro de viagens que não é apenas isso, mas também uma obra de arte que usa um lugar particular, num momento particular, como caixa-de-ressonância para os instintos e técnicas criativas mais profundas do escritor — em parte introspeção, em parte filosofia, em parte lirismo, em parte sociologia, e apenas esporadicamente topografia. É uma reportagem metafísica.

"O Meu Livro de Estilo", de Gabriela Pinheiro (Editorial Presenca)

Para quem considere úteis conselhos e dicas de alguém que está habituada a compor a imagem de Cláudia Vieira, Daniela Ruaḥ, Catarina Furtado, Diana Chaves ou Áurea, este livro deixa pistas para o entendimento das técnicas. Não se trata aqui apenas de explicar como se faz, mas também de mostrá-lo com recurso a numerosas imagens. Um guia prático para um estilo moderno.

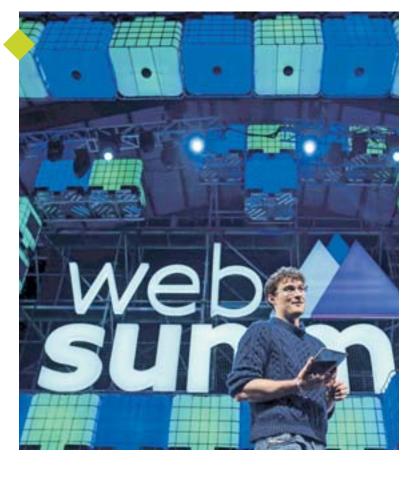




ROTEIRO

LISBOA

7 a 10: Web Summit – Lisboa é o palco de uma das principais cimeiras de tecnologia à escala mundial. Com Paddy Cosgrave ao leme da organização haverá mais de 50 mil participantes entre influentes CEO, empresas, empreendedores, startups e muitos outros. Além de 67 startups portuguesas, que ganharam o direito a marcar presença no evento, vai ainda haver espaço para que 26 personalidades de Portugal deixem sinais indeléveis com os seus discursos. Uma excelente oportunidade para animar negócios, expandir horizontes e contactar com o que de melhor se faz no mundo tecnológico. Cerimónia de abertura no dia 7 e outros três dias de fervilhante atividade.



PORTO

6: Wim Mertens: Dust of Truths -Casa da Música (21h00) Integrado no âmbito do Misty Fest e com a primeira parte entregue a André Barros, o espaço portuense acolhe um dos mais reconhecidos compositores e intérpretes de um estilo tantas vezes designado como "modern classic". Para lá de todo o trabalho já feito, muito do qual distinguido com diversos galardões, Mertens tem pronta a edição de "Dust of Truths" que irá completar a trilogia "Cran aux Oeufs", englobando ainda "Charaktersketch" e "What are we, locks, to do?".



De 2 a 29: Exposição de pintura — Stefanie Pullin — restaurante Tabik (av. da Liberdade)



Até ao final do mês está patente o trabalho da artista nascida na Guatemala. As duas primeiras exposições foram feitas com obras de Salvador Salazar e Catarina Mantero. No âmbito do conceito The Art's Brunch foram concebidos menus especiais "inspirados no trabalho de cada um dos artistas" e "todos os sábados de cada mês" um artista estará em foco nesse contexto por 25 euros. Deste modo haverá espaço para visita à exposição e ainda a oportunidade de travar conhecimento com a cozinha de autor.

4: Ciclo Músicas do acervo - compositores portugueses e seus contemporâneos

Num ciclo que se prolonga até maio do próximo ano, tendo por comissário Adriano Nogueira, vão ser alvo de atenção vários compositores portugueses. O ponto de partida, segundo a referência da organização do evento, "é o espólio documental do museu, mas também o panorama musical internacional". Uma vez por mês, às sextas-feiras,

às 19h00 e com entrada livre, haverá concenrtos de instrumentos solistas e música de câmara.



Anne Kaasa (na foto) atua nesta sexta-feira, interpretando obras de Armando José Fernandes, Claudio Carneyro, Maurice Ravel e Claude Debussy. Ao longo do ciclo haverá ainda convidados como João Paulo Santos, Steven Chervenkov ou Veronika Schreiber (Polónia).

5: Descobrir o som... na Culturgest

– Grande Auditório e Sala de

Montagens de Exposições – Visitas
às 15h00 e 17h00



Um outro lado que o público desconhece em relação à organização de espectáculos e exposições, numa visita que vai até aos camarins do Grande Auditório. Há cerca de dois anos que se tornaram regulares estas visitas. Em 2015, associando-se às iniciativas do Ano Internacional da Luz, a

organização concentrou atenções no tema da iluminação. Agora, o protagonismo vai pertencer ao som. Preços: menores de 30, maiores de 65 e desempregados: 2,50 euros (lotação de 30 pessoas).

De 5 a 27: Tejo Gourmet 2016: 7° Concurso de Iguarias e Vinhos do



Com organização da Confraria Enófila Nossa Senhora do Tejo, 42 restaurantes do país inteiro conjugam as mais variadas receitas com vinhos da referida região. Do Porto a Olhão e Albufeira, sem esquecer Aveiro, Pombal, Leiria, Caldas da Rainha, Nazaré, Torres Vedras, Sardoal, Abrantes, Tancos, Tomar, Entroncamento, Alpiarca, Almeirim, Santarém, Rio Maior, Lisboa, Alcácer do Sal, Montemor-o--Novo ou Évora, os restaurantes vão estar sob avaliação de um júri. Entre chefs, enólogos, críticos e iornalistas na área dos vinhos, um elemento da organização e outro da AHRESP, há 10 envolvidos na apreciação.

7: **Djavan –** Casino Estoril (Salão Preto e Prata).

No ano passado, o cantor brasileiro celebrou 40 anos de carreira e recebeu um Grammy Latino pelo grau de excelência do conjunto do seu trabalho. Agora, além do novo álbum, Djavan aproveita este regresso a Portugal para revisitar temas de sucesso do longo trajeto musical como "Lilás", "Linha do Equador", "Flor de Lis" ou "Eu te Devoro". No palco vai estar acompanhado por Paulo Calasans (piano e teclados), Marcelo Mariano (baixo), Carlos Bala (bateria), João Castilho (viola e guitarra), Jessé Sadoc e Marcelo Martins (sopros). No dia a seguir à passagem pelo Coliseu do Porto tem esta data extra no Casino Estoril.



4: Il Trionfo di Davidde – Igreja de São Roque – 21h00 Integrado na 28ª Edição do festival Música em São Roque, a Orquestra de Câmara de Sintra interpreta obras de António da Silva Gomes e Oliveira e Bráz Francisco de Lima. Chegue cedo porque às 19h00 existe a possibilidade de fazer uma visita guiada pelo Museu de São Roque.

5: Visita ao Palácio do Marquês da Fronteira e caminhada por Monsanto – 9h15

Este sábado, a GreenTrekkers organiza uma visita ao icónico palácio lisboeta do século XVII, ao qual se segue uma salutar caminha por Monsanto, para abrir o apetite. Termina por volta das 14h00.

6: Começar: uma viagem matemática por Almada Negreiros – Fundação Gulbenkian.



Visita ao painel Começar, na entrada da sede da Gulbenkian. Um painel com uma geometria misteriosa e densa. Qual a motivação de Almada em juntar no painel estes elementos geométricos e não outros? Com orientação de Pedro Freitas e Simão Palmeirim, será uma antecipação da grande exposição Almada Negreiros: uma maneira de ser moderno, cuja inauguração será em fevereiro de 2017.

De 9 a 26: Exposição Isabel Almeida Garrett – Fundação Medeiros e Almeida – 18h30 Exposição de pintura desta artista com o tema: "O vento sobre onde quer"

Até 31/12: Lisboa uma grande surpresa – Arquivo Municipal de Lisboa – 10h00 às 19h00. A cidade vista nas ruas, praças e monumentos, entre 1898-1908, pelos fotógrafos Arthur Machado e José Assumpção e Souza.

ROTEIRO



GRANDE PORTO

De 7 a 28: Curso de Culinária (vegetariana, sem desperdício, económica e local) – O Casarão, rua do Almada, 305; das 19h30 às 22h00 Os encontros culinários n'O Casarão serão sempre às segundas-feiras, começam no dia 7 e prolongam-se até 28. A ideia é que de cada reunião resulte um jantar preparado por todos os participantes. Existe opção de curso completo ou de assistir a algumas aulas, embora as vagas sejam limitadas.

8: Adriana Moreira: novos valores do fado – Casa da Música, 19h30. 9: Cinema: "Phoenix" - Cine-Teatro Eduardo Brazão, Vila Nova de Gaia, das 15h30 às 21h30.

De 10 a 13: Vintage Department -Ateneu Comercial do Porto - 10h00 às 20h00.

A loja lisboeta muda-se para o Porto para um stock off de Natal muito especial, repleto do melhor

design e mobiliário escandinavo. 10: 7° Ciclo de Cinema: "Blue **Velvet"** – Nortemédico – secção regional do Norte da Ordem dos Médicos, 21h15.

ALGARVE

- 4: Poesia ao Fim do Dia com Clara Fernandes - Biblioteca Municipal de Loulé Sophia de Mello Breyner Andresen, 18h00.
- 4: Pablo Lapidusas Internacional



Trio – Albatroz Jazz&Blues Bar (Silves) - 21h30. Além do próprio Lapidusas no piano, tocam também Leo Espinosa (baixo) e Marcelo Araújo (bateria). Uma boa oportunidade para aproveitar e ouvir jazz e blues tocados por uma interessante banda.

PORTALEGRE

6: Experiência em Balão - Alter do Chão, Fronteira e Monforte. Conhecer o Alentejo a apartior do ar num balão de ar quente é uma experiência a não perder.

BRAGA

- 4: À Procura da Felicidade -Theatro Club – Póvoa de Lanhoso,
- 5: Workshop de salsa cubana (rueda casino) — ALC Dance — Celeirós, Braga, 18h00. Com a professora Ana Zamora, ensinamentos ao longo de hora e
- 5: Exposição "Climbing Tree Houses", de Ana Oliveira – Galeria Emergentes Dst (Rua do Raio, 175), a partir das 15h00. Em causa está um trabalho em que, segundo a organização da exposição, "a pintura pede gramáticas e modos de dizer emprestados à escultura, ao

desenho e à arquitetura, assumindo diferentes formas de apresentação, estratégias, escalas, materiais e processos para dar forma a uma ideia: a de casa da árvore"



5: Bragafado - Theatro Circo, 21h30.

Com Ana Sofia Varela.

GUIMARÃES

5: Exposição Ibérica

"Questionamento" - Centro Cultural Vila Flor, a partir das 18h00. Numa parceria com a Comunidad de Madrid, um grupo de 14 jovens artistas ibéricos com apresentação de obras que dizem respeito aos conceitos de território e sociedade.



Louris | Massamii" | Odivelas | Oeiras | Olivais | Parque das Nações" | Piccas | Santos" | Sintra | Sul Lisboa: Almada | Setúbal | Centra: Aveira" | Coimbra | Norte: Braga | Trindade "Clubes empré-abertura

WWW.FITNESSHUT.PT





Manuel Casal
e Eckhard Frank
pensaram sempre
na Stivali como
um serviço
personalizado
e nunca como
uma loja para
'chegar, ver e
comprar'



LUXO

Stivali: renovada, aumentada, melhorada

Surpreendentemente, a icónica Stivali surgiu com um novo andar, mais marcas e maior oferta. É a grande novidade de Lisboa.

Bruno Lobo

olobo@jornaleconomico.p

A loja é um dos ícones da elegância em Lisboa. É uma das duas únicas lojas em todo o mundo onde se vende Chanel, fora das boutiques da marca – e assim é há mais de 20 anos. Essa parceria entre as duas marcas deu mais um passo há cerca de

um ano, quando a Stivali inaugurou um corner exclusivo Chanel dentro da sua loja. "Nessa altura", conta Manuel Casal, um dos dois sócios da Stivali (junto com Eckhard Frank), "algumas marcas com as quais tínhamos boas relações perguntaram se não queríamos fazer o mesmo com elas." A ideia estava lançada e daí à concretização passou menos de um ano, obras feitas na maior discrição para não in-

FENDI

comodar as clientes. "Nem imagina o pesadelo que foi, mas ninguém percebeu." Abriu-se um lanço de escadas e um novo andar no piso superior, desenhado pela arquiteta Cristina Jorge de Carvalho.

A nova loja inaugurava assim mais duas *shop-in-shop*, da Valentino e da Saint Laurent, mas também *corners* personalizados das marcas Fendi, Dolce&Gabanna, Chloé, Moncler e

Um ano de obras depois, a Stivali inaugura duas novas shop-in--shop Valentino e Saint Laurent Roger Vivier. No caso da Fendi tratou-se inclusivamente de um regresso a casa, depois de alguns anos afastada; em relação à Roger Vivier, uma estreia absoluta em Portugal. Roger Vivier é creditado como tendo sido o inventor dos Stiletto, pelo que se trata de marca icónica "com apenas seis espaços destes em todo o mundo", acrescenta Manuel Casal para reforçar a importância.

A shop in shop da Valentino situa-se agora no piso térreo, perto da Roger Vivier e depois da Chanel. Para o novo piso ficaram as restantes marcas. Trata--se de um espaço de tons nus, luminoso, onde a pedra, o aço e os espelhos criam um contraste de texturas que serve de tela para os espaços das marcas. Foi um enorme trabalho de várias equipas, portuguesas, italianas e francesas (cada marca enviou também os seus representantes) para conseguir unir a imagem da loja ao de cada uma. No mesmo andar pode também desfrutar de um pequeno pátio exterior, ideal para descansar um pouco antes de voltar às compras. Existe também uma zona reservada, criada com o intuito de garantir a privacidade das clientes que, como Manuel Casal gosta de referir, "são maioritariamente portuguesas e já conhecem muito bem" a empresa. Isto apesar de ter cada vez mais clientes internacionais, "muitas residentes, mas também várias turistas. Não se imagina a quantidade de visitantes que veem aqui comprar um vestido Eliee Saab só porque têm um jantar nessa noite".

Apesar de o espaço ter duplicado, "a maioria da oferta continua a não estar exposta." A ideia da Stivali nunca foi chegar, ver e comprar, mas antes oferecer um serviço verdadeiramente personalizado.



CREED

Aventus For Her (215 euros, 75 ml) e For Him (185 euros, 75 ml) são os dois best seller da Creed na Boutique dos Relógios Plus.



Erwin Creed já esteve mais ligado ao desenvolvimento dos perfumes – agora o envolvimento está mais dirigido ao lado empresarial do negócio

BELEZA

Uma dinastia de perfumistas

"Somos uma perfumaria de nicho com longa tradição", revela Erwin Creed, a 7ª geração da família no negócio.

Bruno Lobo

A Creed tem fama de usar a maior percentagem de ingredientes naturais da perfumaria francesa. Numa época em que, cada vez mais, pequenos players disputam o mercado às gigantes multinacionais como a L'Oréal, a Firmenich, a Puig ou a Estée Lauder, Erwin Creed nem quer ouvir falar de comparações: "Hoje em dia existem demasiadas empresas de perfumes de nicho. Acham que se faz muito dinheiro, mas não. Fazer bons perfumes como nós sai muito caro. Nada tenho contra a concorrência - e admiro realmente algumas dessas marcas -, mas na sua maioria não sabem fazer perfumes como nós, não contro-

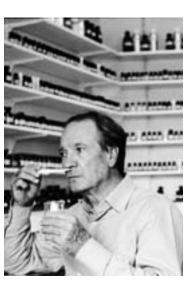
Erwin pode dizê-lo porque está sentado numa" looonga" história de família. A Creed nasceu há mais de 250 anos – 'De père en fils depuis 1760' é a frase que pode ler-se em todas as caixas de perfumes. James Henry Creed era luveiro do rei George III e, como na época as luvas aromatizadas eram uma necessidade para combater os maus odores das ruas, criou para o seu cliente mais im-

lam todo o processo produtivo."

portante uma fragrância especial, a "Creed Royal English Leather". Henry Creed II, nascido em 1824, assumiu os comandos do negócio em meados do século XIX e é, até hoje, considerado um dos mestres perfumistas mais inovadores de sempre. Foi responsável pela internacionalização do nome Creed que, entretanto, começou a ser requisitado por todas as grandes cortes da Europa. Diz-se, aliás, que terá sido um convite da imperatriz Eugénia de França, mulher de Napoleão III, que levou Creed a mudar-se para Paris em 1854.

Ao longo desses anos, os perfumes nem sempre foram o principal negócio da casa Creed. Nascidos luveiros, os acessórios sempre estiveram presentes e em boa parte do século passado a família dedicava-se sobretudo, como reconhece Erwin, "aos acessórios, como botões de punho, e à alfaiataria por medida. Nas fragrâncias faziam-se sobretudo amostras, um pequeno toque final para os clientes importantes".

Tudo voltou a mudar durante as décadas de 70 e 80, já com o seu pai, Oliver, ao leme da empresa. A Creed voltou então a apontar baterias para a perfumaria e Oliver Cred revelou-se um perfumista de exceção, um verdadeiro perfecionista. Notavelmente, a A empresa nasceu há mais de 250 anos e não alterou o lema que está nas caixas: "De père en fils depuis 1760"



Oliver Creed revelou-se, nos anos 70 e 80, um perfumista de exceção.

sua primeira criação, em 1985, "Green Irish Tweed", é ainda hoje um dos mais perfumes mais vendidos da casa. Dez anos depois lança "Millesime Imperial", que celebra 140 anos ao serviço das casas imperiais da Europa, uma combinação luxuosa de notas marinhas e cítricas de todo o mundo. Quando "Aventus" saiu, em 2010, tornou-se logo no maior sucesso comercial da Creed, de tal forma que ganhou, pouco depois, uma versão feminina, também transformada num best seller.

Erwin Creed já esteve mais ligado ao desenvolvimento dos perfumes. Hoje entrega-se ao lado "empresarial" do negócio. "Tenho de fazer isto agora, enquanto sou novo, porque implica viajar constantemente pelo mundo. Mas já prometi ao meu pai que, daqui por dois ou três anos, volto para a criação de perfumes", explica.

"Hoje não conseguimos cumprir com cerca de 30% das encomendas. Estamos a tentar desenvolver esse processo porque naturalmente queremos crescer, mas não demasiado. Quando isso acontece a mentalidade altera-se e começamos a pensar em cortar nos custos e já não fazemos o que queremos." A frase é sintomática e explica: "Os ingredientes são fundamentais. Nunca negociamos o preço dos ingredientes naturais porque queremos uma determinada qualidade. E a quem nos consegue fornecer pagamos o que pedem. É como se fossemos um chef e nos pedissem para fazer uma boa refeição com ingredientes congelados. Os bons chefs, como os bons perfumistas, conseguem mas não ao ponto de fazer algo excecional."

Essa é outra crítica que Erwin faz à perfumaria atual: "Muitos dos perfumes preocupam-se demasiado com as notas de topo. São muito boas porque é isso que as pessoas cheiram nas lojas, gostam e compram. Mas ao fim de cinco minutos não é a mesma coisa. Preocupamo-nos com as notas de fundo. Um perfume deve ser bom passadas umas horas, não quando o colocamos."

Os perfumes Creed são naturalmente caros (a partir de 170 euros por um frasco de 75 ml) mas, diz Erwin, "são muito razoáveis quando comparados com os da concorrência". Essa exclusividade estende-se à rede de distribuição, hoje com oito lojas próprias e alguns parceiros como Harrods, Bergdorf Goodman, Neiman Marcus e a Boutique dos Relógios Plus, em Portugal o único espaço onde pode encontrar os perfumes Creed.





GOURMET

Destrufado

"É uma trufa excecional", diz Ljubomir Stanisic. "A maior que alguma vez veio para o nosso país", acrescentam no restaurante. Dizer que vale o seu peso em ouro é pouco, mas pode ser provada num menu especial do 100 Maneiras que o chef preparou só em sua honra.

Bruno Lobo

A Trufa branca pesa uns enormes 618 gramas. É também a maior encontrada na região de Arezzo, em Itália, esta temporada, e a maior trufa vendida nos últimos 14 anos pela empresa que a comercializou. Mas o Elenia Ottonelli, a diretora da Toscobosco, prefere antes destacar outra qualidade: "É a trufa mais bonita que já vendemos".

As trufas brancas são uma espécie de Santo Graal da culinária. São mais difíceis de encontrar do que as trufas negras e, ao contrário destas também, não podem ser cultivadas: só se encontram mesmo na natureza - sobretudo em Itália – e para as encontrar os apanhadores socorrem-se de cães pisteiros como a Shunga, a Border Collie na fotografia, e a verdadeira responsável pelo achado que estava a mais de 70 cm de

profundidade, bem dentro da terra. Geralmente as trufas encontram-se a 20 ou 30 centímetros.

A temporada nem tem sido fácil, devido à falta de chuva está cada vez mais difícil encontrar trufas na região, sobretudo com alguma dimensão. Por isso o achado é ainda mais valioso e Nicola, apanhador, passou mais de uma hora para a conseguir recolher em todo o seu esplendor. Depois, o chef Ljubomir Stanisic comprou-a ainda antes de chegar a leilão, nem se sabe por quanto. Barata não foi. Esta é a época em que as trufas, sobretudo as brancas, atingem o seu preço mais elevado, chegando aos 20 mil euros o quilo. Mas os preços variam muito, e para trufas especiais, como esta, sobem facilmente. Esta por exemplo poderia ter chegado aos 30 mil euros em leilão. Dito isto, e apesar de conhecer bem a loucura de Ljubomir pela trufas – há dois anos que organiza o festival Trufas à Pazada acreditamos mais que tenha conA trufa chegou a Portugal com todos os cuidados - numa caixa de frio e coberta pela mesma terra onde foi encontada





seguido um excelente negócio do que pago o valor total de mercado. Mas nuca se sabe...

A Portugal a trufa chegou com todos os cuidados, por avião, numa caixa de frio e coberta pela mesma terra onde foi encontrada, para preservar o seu equilíbrio e humidade. Segue-se pois a presença no Restaurante 100 Maneiras e no Bistrô 100 Maneiras, num menu preparado pelo chef e onde se encontram iguarias como um Cone de truta e ovas, molho de rábano, guacamole e espuma de queijo. Ou um Robalo com couve-flor, cogumelos e (como se já não bastasse a trufa) molho de caviar Beluga. De sobremesa, Baba au Rhum, rosa Santa Teresinha e sorbet de limão. Tudo devidamente condimentado com o sabor a terra, a chuva, característicos da trufa. Nada se deve sobrepor. Este menu dura enquanto houver mas de certeza que não passa deste fim-de-semana, por isso despache-se.

Por que razão são as trufas tão caras?

Primeiro é preciso perceber que existem vários tipos de

inverno de cada uma. Por princípio, as brancas são mais intensas, com mais sabor e mais aroma do que as negras. O mesmo é válido para as variedades de inverno, por oposição às de verão. A trufa branca de inverno - cuja época de caça começa em outubro – é a rainha das trufas, a mais apreciada pelos admiradores e aquela que atinge preços mais elevados. Ir apanhar trufas é quase o mesmo que ir à caça. Pelo menos é preciso levar um cão para conseguir encontrar estes fungos bem enterrados na terra. E aqui não dá para caçar com gato, nem sequer com porco, animal que a maioria das pessoas ainda associa à apanha de trufa. Não que os porcos não as encontrem, o problema é que gostam tanto que é difícil fazer com que não a comam ou estraguem. Hoje é proibido cacar com porcos. As trufas encontram-se na natureza, em estado selvagem. Já se fizeram tentativas para cultivar trufas brancas, mas sem sucesso porque ninguém recriou as condições em que se desenvolvem. Embora também se encontrem trufas em França, Croácia e Espanha, Itália é o país das trufas sobretudo a zona de Alba, onde milhares de pessoas se dedicam à apanha. Cada apanhador obtém pequenas quantidades, o que ajuda a explicar o preço final. Pela sua raridade, as trufas foram sempre associadas à realeza – com exceção de um breve período na Idade Média, quando a igreja as classificou como semente do diabo. Os Bórgia eram afamados apreciadores, diz-se que pelas propriedades afrodisíacas que também se associam às trufas. Hoje em dia, ninguém no mundo aprecia mais trufas do que Stanley Ho que, em 2007, pagou 330 mil dólares por uma trufa de um quilo e meio num leilão em Hong Kong. Foi o record mas durou pouco. Em 2010 outra trufa branca de Alba atingia o mesmo valor, só que agora pesava apenas um quilo e trezentos gramas. O comprador? Stanley Ho, again. Pelo menos agora já sabe que o dinheiro que perdeu no casino foi bem empregue E as trufas não são só raras, são também delicadas e. depois de apanhadas, devem ser consumidas com a maior brevidade possível: num intervalo máximo de uma semana. Depois começa a perder humidade, aromas e sabor. Tem, pois, de ser transportada depressa para qualquer parte do mundo, como todo o cuidado. E isso também pesa no preço



TECNOLOGIA

A arte do computador

Tal como nos iPhone 7, a Apple decidiu que existem peças demasiado antiquadas para figurarem nos novos MacBook Pro.

Bruno Lobo blobo@jornaleconomico.pt

A Touch Bar é capaz de ser a característica mais marcante dos novos MacBook Pro da Apple. No topo do teclado, onde antes estavam as teclas de funções, surge agora um pequeno ecrã OLED em forma de tira, com uma série de atalhos dedicados à tarefa em mãos. Estas ferramentas mudam automaticamente, consoante a atividade, e basta um toque (daí o nome) para escolher entre atalhos, sugestões de texto, controlar a música, explorar e editar fotografias, percorrer linhas temporais de vídeos, etc. etc. Se recorrer à realidade aumentada, aqui na página, pode assistir a uma breve explicação sobre a Touch Bar dada pelo próprio Jony Ive, o afamado diretor de design da Apple. É realmente muito mais intuitivo e fácil de usar que os velhinhos F 1,2,3,4...

No fim de barra surge também o Touch ID – um leitor de impressões digitais – que permite fazer pagamentos, iniciar a sessão e mesmo trocar de utilizadores, do modo mais fácil e conveniente possível. A propósito, o botão ligar/desligar também desapareceu: fechar ou abrir a tampa tem o mesmo efeito.

Visualmente, os novos MacBook Pro são peças de design lindíssimas, mais bonitos ainda do que as versões anteriores. E estão mais finos, uns meros 14,9 e 15,5 mm de espessura para as versões de 13" e 15". Tão finos que a Apple decidiu descontinuar os Air na sua linha de produtos.

O mais surpreendente foi a decisão de deixar cair as "normais" portas USB. Cada MacBook Pro vem agora com duas ou quatro entradas Thunderbolt 3 (ou USB Type-C), mas será que o está mundo preparado para isso? Basta pensar em tudo o que liga normalmente ao computador... A norma tem inúmeras vantagens sobre a versão habitual, isso é certo, mas está apenas agora a surgir nos telemóveis - e não no da Apple - sendo que esses fios continuam a ter ligação USB normal no extremo oposto. Parece, pois, demasiado cedo para dispensar a velha entrada e a consequência final será ter ainda de investir em adaptadores – o que não só não é prático como estraga o look minimalista do Mac. Como estas ligacões permitem também carregar o Mac, outra entrada que desapareceu foi a de energia, o que, mais

uma vez, levanta um problema. O MacBook Pro foi apresentado em diferentes versões. Seja pelo tamanho (13' ou 15'), seja pelas características técnicas. Melhor ou pior processador, mais ou menos memória (RAM e de armazenamento) e, pelo meio, mais ou menos portas de entrada. A maioria das versões vem com quatro portas mas a versão mais fraca tem apenas duas, pelo que, se inutilizamos uma com o carregamento, só sobra outra, o que é claramente curto.

Outra novidade – e agora claramente positiva – é o TouchPad, que está muito maior (praticamente o dobro do anterior) e possui uma tecnologia de reconhecimento de "palmas de mão". Já não controlam nada, pelo que pode descansar as mãos sobre a base que não faz diferença.

Quanto a preços, a versão mais barata (13", 2 USB-C, 256 Gb, 8 GB Ram) custa 1.750 euros. E não vem com TouchBar. O primeiro modelo a apresentar essa configuração começa nos 2.100 euros, mas traz também as tais quato portas USB-C). A partir daí os preços sobem até à versão de topo, com 15" de ecrã, Intel i7, 512 GB de Memória e 16 GB de RAM. Essa custa já 3.300 euros.

Alternativas à altura

Seja pela falta de entradas USB, pelo preço ou por qualquer outro motivo, se não está muito feliz com o novo MacBook Pro, pode ser interessante olhar para estas alternativas do lado dos PC. São igualmente poderosos, bonitos e, na maioria dos casos, bem menos dispendiosos.



Microsoft Surface Book

Começa a ser comercializado algures este mês nos EUA e terá um preço de 2.300 dólares, qualquer coisa como 2.180 euros. Por cá deverá custar um pouco mais. Mas tem os processadores mais poderosos e a versatilidade de ser um tablet ou um PC.

Dell XPS 13

É o mais pequeno PC de 13" do planeta, com um monitor InfinityEdge, que praticamente não tem moldura. É o que permite otimizar o espaço. É fino (15 mm) e leve (1.2 kg) e tem a última geração de processadores da Intel. As memórias SSD estão disponíveis entre 128 e 1 TR. O preço começa nos 1.100 euros.





Lenovo Yoga 910

Tal como o Microsoft é um híbrido, PC/Tablet muito fácil de utilizar e com imenso estilo. É fino, com um corpo totalmente em alumínio, ecrã 4 K e os mais recentes processadores Intel. Ainda não tem preço em Portugal, mas nos EUA começa nos 1.330 dólares.







OPINIÃO

Os Estados Unidos e o risco da estrada para lado nenhum



Paulo Jorge Pereira ppereira@jornaleconomico.pt

Foi preciso chegar a 2016 para se perceber até que ponto é possível recuar na evolução humana no sentido de que, nas eleições presidenciais dos Estados Unidos, possa alguém competir pelo cargo como representante de um retrocesso civilizacional incapaz de identificar méritos, reconhecer qualidades ou admirar capacidades à sua volta. Um profissional do insulto fez do descrédito aos adversários o seu emblema. Como recompensa, ganhou a nomeação de um partido sem espírito de liderança, sem ideias, desesperado após oito anos fora do centro do poder que é a Casa Branca e cego apenas pela perspetiva de uma possível vitória. Maquiavel já o sabia há tanto tempo - tudo se resume aos fins que justificam os meios.

Mexicanos, latinos, imigrantes, muçulmanos, mulheres, deficientes: a lista de insultados é extensa e corresponde ao "pensamento" de quem mais parece ter saído agora de uma qualquer caverna da Idade da Pedra. A receita, muitas vezes premiada ao longo do tempo com vitórias que nunca passaram de erros históri-

cos, alguns com consequências catastróficas, é a do costume: demagogia, falso sentido de comando, a injúria como arma preferencial para disfarçar a insegurança, uma personalidade carregada de desvios, a ausência total de noção sobre as mais elementares regras de respeito.

Como qualquer outro presidente, Barack Obama esteve longe de concretizar todas as promessas feitas em duas campanhas para a liderança. Umas vezes por incapacidade, outras por falta de meios, outras ainda por inabilidade, desperdiçou a possibilidade de resolver vários problemas do país, concretizando outros de modo mais ou menos inesperado. Ainda assim, comparando com os resultados do seu antecessor, é seguro dizer que as diferenças de desempenho e comportamento assumem, pelo menos, a dimensão do Grand

Entretanto, uns fingiram-se incomodados, outros decidiram

Eleger quem passou toda a campanha a cuspir insultos é escolher uma via: a da estrada para lado nenhum que nem o vendaval de asneiras era suficiente e mantiveram-se firmes, embalados pelo leve aroma a hipótese de poder, alguns decidiram afastar-se perante um dia-a-dia cada vez mais aterrador. Com o decorrer do tempo está mesmo a assistir-se a um fenómeno de "arrependidos" que, vendo as sondagens a mostrarem uma aproximação prometedora aos números do outro lado, optam por esquecer os princípios e revertem a decisão de não votar no seu candidato.

E nem se trata sequer de comparar propostas com o lado oposto: como é que alguém que discorde de racismo, xenofobia, intolerância ou misoginia pode ser considerado pior, mesmo gerando desconfiança junto de muitos eleitores?

Muitos invocam um alegado desejo de mudança de parte do eleitorado norte-americano como argumento para sustentar o duelo apertado até ao fim. Bastaria lembrar que a anterior vontade de mudar trouxe George W. Bush com todas as implicações que isso significou para o país e o mundo e já se percebiam os perigos que comporta uma decisão dessa natureza.

Se os eleitores norte-americanos puderem parar durante uns
momentos, não lhes será difícil
voltar a ouvir a canção-aviso de
David Byrne quando ainda liderava os Talking Heads: "We're on
a road to nowhere/Come on inside." Eleger quem passou toda a
campanha a cuspir insultos é escolher essa via – a da estrada
para lado nenhum.

OPINIÃO

Notícias da província



António Freitas de Sousa

A província é aquela parte do país que fica entre os arredores de Lisboa e a fronteira com Espanha e nela acontecem as coisas mais pitorescas, como sejam a produção de enchidos com imensos ingredientes, as corridas de tuning, a ingestão de bagaço às primeiras horas do dia ou as excursões

familiares às lojas da Primark – de lá saindo três gerações, avó, mãe e filha, todas vestidas de igual mas com as cores mais diversas, desde que sejam verde alface ou cor de laranja.

A capital da província é o Porto – que já foi a capital do trabalho quando o Porto também era a capital dos provincianos –, mas que depois evoluiu para outra coisa muito mais evoluída. Do Porto chegam a Lisboa as mais diversas coisas, como sejam as pessoas que já não suportam viver na província, os emails para as entidades empregadoras e as notícias que dão nota de que o Porto evoluiu agora para a circunstância de ser uma cidade muito mais evoluída, cheia de turistas por toda a parte, inclusivamente junto ao rio. O pessoal de Lisboa, que não vai em cantigas porque não é fácil enganar quem está habituado a viver na grande civilização, percebeu logo: o Porto só está cheio de turistas porque um senhor chamado Michael O'Leary. que ainda não conseguiu resolver o problema de não poder cobrar o ar que se respira dentro dos seus aviões, decidiu desatar a transportar toda a Europa para lá, sem distinção de raça, cor, credo ou peso - apesar de qualquer estudante do primeiro ano de um curso de economia, mesmo dos que são ministrados na província, conseguir entender que um tipo com 110 quilos devia pagar mais por uma viagem de avião que um minorca que só pese 56 quilos.

Nos primeiros tempos, os portuenses estranharam aquela profusão de raças, todas a andar Santa Catarina abaixo, 31 de Janeiro acima, a olhar encantadas para o Bolhão nos instantes em que o telhado não estivesse a cair ou a subir à torre dos Clérigos nos dias incertos em que a porta estivesse aberta e a responder com um sorriso de quem não está a perceber nada aos impropérios mais desbragados que os portuenses lhes dirigiam, como se só estivessem a desejar-lhes um bom dia. Mas depois habituaram-se: civilizaram-se, perceberam que era ali, no turismo, que estava o segredo para deixarem de viver numa das zonas mais deprimidas do país, em termos de economia regional, e até conseguiram que a Ribeira deixasse de ser uma espécie de campo de batalha permanente, completamente impróprio para a circulação de pessoas sem licença de porte de arma ou, não a tendo, que se abstivessem de usar uma às escondidas, nomeadamente das autoridades que nunca lá estavam.

A coisa evoluiu para aquilo que já toda a gente sabe. O que toda a gente não sabe, nomeadamente a gente que não é da província, é que há cada vez mais portuenses que acham que tanto turismo já é demais e que o melhor será acabar com tanta inclinação, nomeadamente da câmara local, para investir no setor. Mais ou menos uma década depois, os portuenses, ou pelo menos alguns deles — mas o número está perigosamente a crescer —, parece que não querem mais nada senão que o Porto volte a ser a capital dos provincianos.